ANO 2[illegible] LISBOA--TERÇA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 1922 N.º 517

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

No seu numero do ultimo sabado, o *Diario de Lisboa* publicou o seguinte *eco;*

«Hoje de tarde, á porta do ministerio da Marinha, no meio da pasmaceira da multidão, conversavam os almirantes Gago Coutinho e Leote do Rego. Aquele narrava a este a vibração das manifestações do Norte, onde tudo foi muito português, tendo consolado a sua alma. Uma coisa o degostou: as comidas esquisitas que lhes deram cabo do estomago para o resto da sua vida.»

O almirante sr. Gago Coutinho viu nisto um desprimor para a sua pessoa, apressando-se a comunicar a algumas redacções o seu desagrado pelo nosso jornal que, modestia aparte, foi dos que mais denodadamente trabalharam, para que o povo português compreendesse o grande feito da nossa aviação. O nosso intuito não envolvia uma simples ponta de malicia. Podia haver exagero, mas tal exagero não vinha da fantasia do nosso redactor. Recebeu uma informação de que não podia nem devia duvidar. E' possivel que outros não a aproveitassem para a publicidade, mas ele que sempre teve pelo almirante sr. Gago Coutinho a mais alta admiração, nem sequer admitiu por hipotese que alguem visse nela... mais do que o seu significado exacto. Enganou-se, visto que o sr. almirante se magoou. Com ou sem motivo? E' o que vamos ver. O *eco* diz claramente que o Norte tributou aos nossos aviadores manifestações bem portuguesas que lhe consolaram a alma. De resto, o *Diario de Lisboa*, pela pena e telegramas do seu enviado especial, celebrara já com entusiasmo essa visita, em que o Porto e Braga puzeram o melhor da sua alma patriotica. O periodo final é que irritou o almirante sr. Gago Coutinho, porque se refere ás comidas que lhe deram e que lhe teriam estragado o estomago para o resto dos seus dias. Quere, porventura, o nosso redactor insinuar que a cosinha do Norte é má? Nada que se pareça com isso.

As tradições culinarias do Porto e Braga são afamadas, historicas. Quem escreve estas linhas sabe-o bem e lastima frequentes vezes o não achar em Lisboa um restaurante que as siga á risca.

Talvez pelo descostume de saborear a boa mesa do Norte ou por motivos de saude o almirante sr. Gago Coutinho se achasse mal com ela. Foi nossa a culpa? Creia que o *Diario de Lisboa*, sem esperar por agradecimentos de ninguem, manterá sempre o mesmo culto pelo valor e pela sciencia dos dois homens que efectuaram o *raid* Lisboa-Rio de Janeiro. Lastima, porém, que só se lembrem dele para lhe atribuirem culpas que não merece.

Para que ao menos deste incidente o nome do nosso jornal não saia apodado de... menos correcto, publicamos a seguir duas cartas — uma do almirante sr. Gago Coutinho ao nosso camarada Norberto Lopes e outra que é a resposta deste:

Domingo de manhã.

*Meu caro amigo e sr. Norberto Lopes.*

Por um acaso ontem á noite li no *Diario de Lisboa* algumas piadas que pessoalmente me não dariam abalo se não fossem melindrar a população do Porto, que tão extraordinariamente nos recebeu.

Assim não é verdade que nós nos queixassemos de não nos terem dado os bilhetes; a noticia, que é inconveniente, foi dada aos jornais pelo pessoal do comboio, gente com menos educação, e que não mede o alcance do que diz nem do que faz, como eu já tenho por varias vezes constatado pessoalmente.

Tambem não é verdade que eu me queixasse ao Leote de que no Porto me tivessem estragado o estomago *para o resto dos dias da minha vida*. Em primeiro logar eu ontem de manhã não teria tido ainda tempo para o constatar. E ainda que fôsse verdade, eu não me queixaria, porque tudo me foi dado com a maior vontade e o melhor carinho.

Parecia-me pois de justiça que o jornal desmentisse formalmente tais noticias; de resto eu apressei-me ontem mesmo a fazê-las desmentir nos jornais de hoje do Porto.

Não é a primeira vez que o seu jornal nos ataca, ao Sacadura, a mim, e até á minha criada, depois de terem vindo cá a casa roubar uma carta particular de mim para o meu pai, que o seu jornal publicou. Ha uma manifesta má vontade, que eu vou cortar, e unca mais o lendo. Assim é esta a ultima vez que lhe peço desmentidos. E, sem muita confiança na satisfação deste ultimo, fui-me apressando a telefonar para o Porto e a recorrer a outros jornais de Lisboa... alguns dos quais me não atenderam!

Desculpe-me esta massada, e creia-me sempre muito amigo grato

*Gago Coutinho.*

LISBOA, 11—XII—922.

*Sr. almirante e meu querido amigo*

A sua carta magoou-me profundamente, pela consideração que o seu nome me merece sempre—desde que nos encontrámos em Fernando de Noronha.

Em primeiro logar, não ha intenção de piada ou intuito de melindre no que o *Diario de Lisboa* escreveu a seu respeito.

—Que não é verdade ter arruinado o estomago *para o resto dos seus dias*—diz o sr. almirante.

Com a citação da sua narrativa referente ao entusiasmo da população do Norte, aquele pormenor—que nos foi relatado por alguem incapaz de mentir—não tem importancia.

Não foi tambem o *Diario de Lisboa* o primeiro jornal que se referiu ao caso dos bilhetes, que eu tratei numa cronica literaria e em ar de *blague*, sem nenhuma intenção reservada.

Quanto á parte mais grave da sua carta, a que se refere ao desaparecimento duma carta—que o senhor classifica de roubo—não foi nenhum redactor do *Diario de Lisboa* que fez essa entrevista, mas sim um *reporter* do *Seculo*, onde ela foi publicada, como o senhor pode verificar, lendo a colecção daquele jornal.

E se não damos no *Diario de Lisboa* qualquer explicação é porque o sr. almirante se dirigiu a outro jornal—no dia em que o *Diario de Lisboa* não se publicava (domingo).

Tambem não é verdade que o *Diario de Lisboa*, que teve sempre por si e pelo comandante Sacadura uma grande consideração, encarregando-me de seguir a travessia com sacrificio meu e do jornal, os tenha atacado alguma vez. Pelo contrario, se ha jornal que tenha falado sempre com elevação e com carinho — algumas vezes pela minha pena — da travessia do Atlantico, esse jornal é o *Diario de Lisboa* — que nunca lhe mereceu, perdoe-me que lhe diga, uma prova de atenção pela ternura, pelo espirito de patriotismo e de consideração pessoal que pôs sempre em tudo quanto dizia respeito aos senhores.

E a verdade é que o *Diario de Lisboa* tem deixado de publicar coisas que lhes são desagradaveis (ainda hoje recebemos cartas do Porto e de Braga com referencias menos lisongeiras a factos que se passaram durante a visita ao Norte) e que não publica precisamente pela consideração e pelo respeito que o sr. almirante, *malgré tout*, lhe continua merecendo. Perdoe-me ter sido tão extenso, mas assim tinha que ser, a bem da Verdade.

E creia-me sempre seu m.to am.o

*Norberto Lopes.*

*P. S.*—Quando ninguem falava ainda da travessia do Atlantico, foi o *Diario de Lisboa* o primeiro jornal que a ela se referiu, atribuindo-lhe toda a importancia que ela depois veiu a ter. Naturalmente, o sr. almirante não leu.—*N. L.*

# O BOM SENSO

Lemos a declaração ministerial e, não obstante sabermos que tais documentos nem sempre significam um rigoroso e inalteravel programa de trabalhos, decidimos aceitá-la, como se desta vez os maus exemplos sofressem um desmentido total.

Muitas são as providencias que o governo conta tomar, para reduzir as dificuldades da nossa crise.

Achamos bem que o sr. ministro da Instrução, que é um espirito desempoeirado e moderno, acabe na escola com o espirito sectario, introduzindo nela a verdadeira liberdade de ensino, a fim de que os espiritos infantis ou juvenis deixem de viver, perante os mestres, no regime da meia luz.

Far-se-hão as anunciadas economias e reformas, nas pastas da Guerra e Marinha?

O país não pede outra coisa e há muito tempo.

Trata-se duma obra necessaria para libertar o orçamento de encargos com que ele não pode e para colocar o problema da defesa nacional em termos de ser mais alguma coisa que uma vaga aspiração.

Promete o sr. ministro do Interior dedicar-se á manutenção da ordem publica, a fim de que o trabalho não sofra as perturbações que os alarmes e motins acarretam comsigo.

Se assim fizer — e nós não temos razões para pensar o contrario — todas as classes que lutam pela nossa prosperidade economica lhe ficarão gratas.

Não se esqueça, porém, que o problema da ordem é no fundo um problema moral cuja solução depende duma serie de factores que o materialismo da nossa época desconhece ou finge desconhecer.

Tambem a declaração ministerial se refere á crise das subsistencias que dia a dia se agrava, sem que se descubra meio de abrandar as torturas que ela espalha pelos lares pobres.

No nosso entender, ela é um efeito directo da desvolarização da nossa moeda e da consequente queda do cambio, aproveitadas pelas ganancias desalmadas dos que conseguem dominar o mercado dos viveres, viciando a oferta e a procura.

O sr. ministro das Finanças parece ter desistido de novo aumento da circulação fiduciaria, visto que a declaração ministerial não se ocupar senão dum emprestimo interno, que se propõe diminui-la, e dum outro externo, para o desenvolvimento da nossa economia.

Muito estimamos que assim seja, pois cremos que o *Diario de Lisboa* alguma coisa fez, para que a boa razão fizesse valer os seus direitos. Houve quem nos aconselhasse o silencio, sob o pretexto de que fsvoreciamos a especulacão, quando do tom dos nossos artigos se deduzia, sem qualquer esforço, que nós trabalhavamos eficazmente para o contrario.

Quem seria o beneficiario directo da nossa torrente de notas?

O especulader, certamente.

Como é que nós, que combatiamos o que ele desejava, poderiamos dar azos ás suas nefandas cubiças?

## Nem tanto ao mar...

**—Não seja incorrecto... Não fiz ainda cincoenta... Tenho, precisamente, a idade de Cristo...**

**—Mil novecentos e vinte e dois anos? Não haverá, tambem, um pouco de exagero?**

# Pelo "sport"

JUNTO DAS REDES

## Em volta do encontro Portugal-Espanha

Produziu certa sensação a noticia ontem publicada nestas colunas, sobre as modificações efectuadas—ou prestes a efectuarem-se—no «onze» nacional.

A discussão sobre a constituição da linha representativa de Portugal atingiu o seu auge. Cada «sportsman»—ou aspirante a «sportsman»—apresenta um «team» diferente. Ontem, em menos de dez minutos, alinharam-se, sob os nossos olhos, mais de vinte «teams» nacionais—cada um superior aos restantes dez nove.

Crêmos até que um conhecido «sportsman» está na disposição de oferecer uma valiosa recompensa ás duas ideais creaturas que consigam estar de acordo sobre a distribuição dos onze logares do «onze» de Portugal.

* * *

Foi interessante, sob varios aspectos, a reunião de jornalistas efectuada em *Os Sports*, no sabado passado, para assentar na recepção a fazer aos jornalistas de Sevilha, Madrid e Barcelona, que acompanham o «team» espanhol.

O programa da recepção ficou mais ou menos esboçado, sendo nomeada uma comissão, composta pelos srs. Carlos Farinha, Pereira da Silva e Pinto Ferreira, para resolver definitivamente o assunto.

Um dos pormenores mais interessantes do programa será sem duvida a ceia regional que aos jornalistas espanhois será oferecida á meia noite de sabado 16. A inscrição definitiva para a ceia estará aberta até quinta-feira na redacção de *Os Sports*, das 16 ás 18 horas, devendo ainda hoje ser fixada a taxa de inscrição.

* * *

Foi resolvido levar os jornalistas do país vizinho á «matinée» de «box» de sabado para que possam apreciar dos nossos progressos em «box». O organizador da «matinée» prontificou-se a oferecer dois camarotes para esse fim, prontificando-se ainda a oferecer três outros camarotes para os jogadores do país vizinho.

O curioso, porém, é que a comissão de recepção da União, que parece deveria trabalhar de acôrdo com a dos jornalistas—tanto mais que dela fazem parte tambem dois jornalistas—estava ontem no proposito de levar os jogadores a um espectaculo de circo, á noite—na vespera do «match»!!!—em vez de os convidar para a «matinée» sportiva do dia 16.

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstruções garantidas. Accessorios. Quindins Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 8, 1.º (junto ao Rocio).

OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, CORDEIRO FERREIRA ETC.
FARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

# QUESTÕES PEDAGOGICAS

# O SOLFEJO NO CONSERVATORIO

## O desenvolvimento musical e actual preparação tecnica

E' incontestavel que a musica em Portugal tem tido nos ultimos dez anos um desenvolvimento enorme, tanto na quantidade de cultores como na vulgarização e aprêço das mais elevadas manifestações da arte.

Naturalmente o desenvolvimento musical exige a correspondente preparação tecnica, não só para lhe consentir a conservação, mas tambem para maior florescencia lhe permitir. E, para a realização deste facto é absolutamente necessario que a pedagogia musical progrida por sua vez; mas esta conservou-se estacionaria justamente nos cursos teoricos que iniciam a educação musical e se hão de prestar á formação da mentalidade artistica e á instrução técnica na sua base—o solfejo e a composição.

O raquitismo pedagogico a que nos referimos existe, e é o Conservatorio Nacional de Musica que assim o determina.

Vejamos de que modo:

Em fevereiro ultimo, foi ali aberto concurso para a adopção de livros de Solfêjo, Composição, Português, Francês, Italiano, Estética e Sciencias Musicais. E' justo supôr que todas aquelas obras fizessem sentir a sua falta ou a sua substituição.

Pois parece não ter sido assim, porque a comissão tecnica, que o *Diario do Governo* publicou como legalmente nomeada, para dar parecer sôbre o valor didactico e pedagogico das obras apresentadas a concurso, deixou-as quasi todas de lado, excepto os livros de solfejo, sobre os quais formulou, separada e apressadamente, o seu parecer, conservando a obra, já adotada, do professor T. Borba, e evocando grande frequencia de alunos, aprovando e adoptando mais outra, para a mesma disciplina, da autoria dos professores J. Neuparth e A. Machado. Não nos recorda o facto de no Conservatorio terem sido sempre adotadas duas obras de solfejo da mesma natureza, como a comissão afirma no seu relatorio (*Diario do Governo* de 23 de setembro de 1922) e, se alguma vez êsse caso se deu, ficou em determinação que não poude ser exequivel.

A adopção precipitada do novo livro de solfejo poderia ainda ser aceitavel se êle trouxesse á arte ou á pedagogia qualquer beneficio, mas, antes pelo contrario; e hoje que a sua publicação está feita podemos afirmá-lo desassombradamente: — Para a arte, ou antes para a perfeição da sua tecnica, traz prejuizo, porque apresenta já há muito condenados por incorrectos e até já tratados como tal em obras didacticas como a de M. Lussy e outros autores que expõem as suas origens e significados.

Para exemplo citaremos os seguintes erros bem patentes no novo livro de solfejo:

A ligadura empregada em quantidades de notas ao acaso, quando em solfejo só poderão ser compreendidas e executadas aquelas que terminarem cadencia ou inciso melódico; a vírgula, sinal de respiração, cortando a ligadura, que não deixa respirar; a sestina divisivel em duas partes quando a sua origem e correcção obriga a dividi-la em três; dêste modo a obra não tem exemplos de sestinas; emprega ainda a expressão *Da capo ao sinal*, que é absolutamente inconsciente.

Os alunos de solfejo, que são crianças, não podem livrar-se do mau principio e o professor probo ver-se-ha obrigado a declarar o livro inutil por ser inconveniente. E, *quem torto nasce...* a arte prejudica.

A comissão-juri declara no seu parecer que a obra dos srs. Machado e Neuparth *obedece a um sistema perfeitamente bem coordenado e graduado.* Se não conhecessemos a capacidade artistica da comissão, julgá-la-hiamos em face daquelas palavras, confrontadas com a obra a que se referem; logo nas primeiras paginas saltam á vista colcheias para solfejar quando a primeira noção destas figuras só muito depois aparece sob o titulo correspondente;—a primeira lição no tom de ré maior contém uma modulação divergente, dificil e extemporanea em bom metodo e pedagogia;—as lições em tons formados com acidentes são apresentadas como pela primeira vez depois de nos exercicios anteriores se ter modulado a eles, com abandono completo da dificuldade que este facto representa para o aluno pela mudança de centralisação tonal e como se a necessidade pedagogica de o induzir metodicamente pelo sentimento da expressão tonal fosse inutil;—dos compassos e tons usados apenas alguns são empregados, e dos que faltam, o livro, nem sequer dá noticia;—nos tons formados com acidentes não ha exercicios diatonicos e apresentados na altura conveniente;—é ainda a obra incompleta nas figuras de valor alterado, etc., etc.

Para a importancia pedagogica do novo livro de Solfejo ser avaliada, bastará reparar na grandeza das lições e na movimentação demasiada de notas, abusando do registo alto da voz, que tornam os exercicios impraticaveis, pela necessidade, compreensivel, que as crianças teem de os repetir até que os saibam e porque o esforço que isso representa é imensamente superior ás suas forças fisicas; este facto só é desconhecido para quem se não dedica ao ensino.

A força invencivel das inocentes crianças é suficiente para condenar a obra e refutar o parecer da comissão.

Afirma mais a comissão que a obra dos professores J. Neuparth e A. Machado *está em tudo conforme o programa.* Não é verdade. A obra o diz:

O primeiro livro tem quinze lições na clave de fá; deveria ter vinte; o segundo livro não tem solfejos nas linhas suplementares em capitulo especial, como no primeiro, e aqueles que tem são insuficientes, especialmente nas lições na clave de dó na 4.ª linha; o programa exige ornamentos e abreviaturas no segundo livro para o 2.º ano; não tem senão um elemento de cada uma destas especies; a extensão da voz marcada no programa com figuras musicais é exercida na quasi totalidade das lições e ainda com a declaração dos autores, absolutamente errada, de que aquele excesso é acessivel a todas as vozes.

Em 1912, apreciando no *Eco Musical* os *Ditados Musicais* de J. Neuparth, profetisamos que aquela obra seria posta de parte por inutil e até contraproducente para o fim a que era destinada. O tempo não tardou em provar que não nos enganámos.

Agora perante os solfejos dos professores Machado e Neuparth, manifestamos absolutamente a mesma opinião.

Esperemos — e não será preciso esperar muito — que, novamente, o tempo venha confirmar este vaticinio.

De resto, é convicção nossa, que para determinar o destino a dar ao novo livro de solfejo a vontade ingenua e inconsciente das crianças basta.

*Silveira Paes*

Telefone C. 3033 SOUZA, MOURA & C.ª L.da End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

# Mundanismo

## Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Guiomar Ferreira Pinto Machado (Santo Tirso), D. Maria Augusta Viana de Lemos Peixoto e D. Maria Curry Cabral.

E os srs.:

Conde de Pinhel (Luís), dr. Baltasar Cabral, Antonio Pereira Palha Blanco, Roberto Wanzeller Guedes e Luís de Lancastre e Freitas.

## Diplomatas

Na passada sexta feira ofereceram no palacio da legação, á Avenida da Liberdade, um finissimo jantar ao embaixador da Argentina, em Madrid, sr. dr. Carlos Estrada, e ao sr. dr. Baldomero Gayan, madame Nelly Gayan, e ao comandante Herrenia, respectivamente conselheiro e adido militar á embaixada em Madrid, o ilustre ministro de Venezuela em Lisboa e a senhora condessa de Planas Suarez.

Foram convivas, além dos homenageados:

Madame Cantillo, viscondessa de Silvares, madame Planas Torres, encarregados dos negocios de Cuba e do Paraguay, conselheiro Moreira Junior, auditor da nunciatura e D. Ricardo Planas Torres.

## Recitas elegantes

*No S. Luiz*

Assistencia elegante á 5.ª récita de assinatura da companhia italiana do grande actor Ermete Zacconi, com a peça *A Morte Civil:*

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, madame Padilla e filha, madame Herrera y Reissig, madame Mozer de Gazzera, madame de Pondal; condessa da Ponte, de Castelo Mendo, da Povoa e de Farrobo, viscondessa de Silvares, baronesa de Silvares, baronesa de Ortega, D. Maria Augusta de Carvalho Monteiro de Almeida, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Alice Ferreira Pinto, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria Rosa de Liz Teixeira de Mendonça e filha, D. Etelvina Falcão, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Carolina de Vasconcelos Thompson, D. Elvira de Macedo Dias de Egas Moniz, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Adelaide Bramão, D. Isabel de Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Isabel Ortigão Burnay Belo, D. Julieta Holtreman Roquette Ricciardi, D. Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Mary Andressen de Bregaro, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra, D. Margarida de Sequeira Seabra de Oliveira (Tojal), D. Maria Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos.

D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida, D. Maria Heloiza Moreira de Almeida de Magalhães Colaço, D. Helena de Melo e Costa da Camara, D. Mariana Barbosa da Cunha Sotto Maior Riccou, D. Maria de Oliveira Reis, D. Ana Pinheiro de Melo de Arruela Ferreira, D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Margarida Brandão, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Eulalia da Costa Neves, D. Laura Sant'Ana Galhardo, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Teresa Perestrelo de Oroy Ferreira Pinto Basto, D. Palmira de Carvalho Martins, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, madame Euzebio da Fonseca, D. Maria Silvana da Fonseca de Barros Gomes, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, D. Beatriz Machado Ferreira da Silva, D. Georgina de Mendonça, D. Maria Manuela Hipolito de Sarmento e irmão, D. Raquel Vieira de Matos e filha, D. Maria da Gloria Judice de Magalhães de Barros, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Maria Emilia Leça da Veiga Esmeraldo, D. Maria Luísa Pereira Caldas Braz Caldeira, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Suzana Aires de Castro, D. Luísa Gomes de Andrade e filhas, D. Emiliana Castelo Branco, D. Herminia Portela, D. Julia de Faria, D. Carolina Seixas Palma, D. Maria e D. Luísa de Sousa e Holstein Beck (Palmela), D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Maria Sofia Ferreira Pinto Machado (Santo Tirso), D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, D. Maria Luísa de Vilhena de Magalhães Coutinho, D. Vanda de Meneses Moreira Anahory, D. Emilia Pinto Coelho, D. Mariana Q. Pinto Coelho, D. Marta Aires de Magalhães, D. Amelia Rojão, D. Maria Candida de Azevedo Bourbon, D. Maria Matilde, D. Maria Albertina Macieira, D. Henriqueta Barbosa Sotto Mayor e D. Virginia Luísa Cardoso, etc.

Assistiram tambem as actrizes D. Maria Matos de Mendonça de Carvalho, D. Palmira Bastos, D. Ilda Stichini, D. Aldina de Sousa, D. Laurinda de Almeida, D. Maria de Lourdes Cabral.

## Pontos de reunião

*No Coliseu dos Recreios*

Apesar de estar em Lisboa a esplendida companhia do grande actor Zacconi, a noite da moda de ontem nesta elegante sala de espectaculos foi brilhantissima, recordando-nos ter visto, entre outras, as senhoras:

D. Maria Tereza de Calheiros da Silveira Viana, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, madame Frederico Duff Burnay, D. Rosa Pais Lopes e filha D. Maria, madame Jaime de Castro, D. Josefa de Avillez Ferreirá Pinto Basto e filha D. Maria, madame Simões Baião D. Mariana Gonçalves, D. Maria Luiza e D. Ana de Araujo Sommer, D. Luiza da Fonseca e filha D. Maria Luiza, D. Maria Emilia Pinto da Silveira e Castro e filhas D. Maria Alice, D. Maria Eugenia e D. Maria de Lourdes, D. Alzira Ferreira de Sousa Passos e filha D. Ana Maria, D. Alice Eugenia de Vasconcelos Castro, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

*Agenda*

A'manhã, a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» nas recitas da moda dos teatros Nacional e Politeama, respectivamente com as peças «O leque de Lady Margarida» e «Azas quebradas», e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

## Doentes

Encontra-se gravemente enferma a senhora D. Maria Carolina Pereira Gagliardi, viuva do sr. João Gagliardi.

—Encontra-se doente o sr. dr. Antonio Joyce.

## Casamentos

Realizou-se o casamento da senhora D. Maria Luisa Madeira Mega, filha da senhora D. Palmira Madeira Mega e do sr. Taurino Lopes Mega com o sr. Francisco de Mira Godinho, filho da senhora D. Inês Gonçalves de Mira Godinho, já falecida, e do sr. Manuel Augusto de Mira Godinho, oficial do exercito. Foram padrinhos por parte da noiva, seus tios, senhora D. Emilia de Vasconcelos Mega e sr. Francisco Lopes Mega, solicitador encartado e por parte do noivo a senhora D. Adelaide de Mira Godinho Lopes da Costa e o sr. Mario do Rosario. A cerimonia realizou-se em casa dos tios do noivo, senhora D. Adelaide de Mira Godinho Lopes da Costa e sr. Antonio Lopes da Costa.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

# LIVROS NOVOS

# "AS GRANDES NUPCIAS"

## ROMANCE DE CEZAR DE FRIAS

## Transcreve-se um trecho do terceiro capitulo

Quasi fronteira á porta da Sé, ficava a casa da Gertrudes viuva, onde o padre Joaquim tinha arranjado moradia provisoria para os Parras.

Agora estava o tio mais proximo dos sobrinhos. A pequenada rejubilava com isto, e Herminio tambem nessa familiaridade hauria o maior consolo para o desgosto sofrido pelo apartamento do *Santuario*.

O Parra é que não havia maneira de se conformar. Tinha envelhecido na aparencia uma porção de anos: com menos de quarenta parecia ter deixado atrás a metade dum seculo. Igualmente Aninhas estava acabada, mirradinha por tanto parto e tanta necessidade e tanta relação. Ninguem reconheceria nela agora o que fôra em tempos: ¡ a cara mais linda de Evora!...

A's vezes Inacio, ao serão, desorientado, meio louco na sua scisma sobre a sua vida de ruina e de miseria, deitava as culpas ao cunhado, por este o ter aconselhado ao arrendamento da herdade.

O padre Joaquim não se agastava nem dava mostras de melindre. Mais paciente do que um evangelista, retorquia com serenidade, assim desarmando a recriminação injusta do Parra:

—Mas oiça mano. Se não a arrendasse, ¿ acaso estava seguro de a conservar por muito tempo? O mano não tinha para pagar as dividas e daqui a dias perdia do mesmo modo tudo, mas para sempre. Assim... Assim, dez anos passam depressa e, se Deus quizer, entre-tanto as coisas hão de melhorar... Têem aqui um filho, que lhes ha de valer, que ha de ser alguem... —e enlaçava Herminio, sempre convicto do alto destino do afilhado.

Fazia-se um silencio longo. Daí a pouco voltava o sacerdote, encarando a questão com um espirito pratico, nitido e recto.

—Mas o que é preciso é não desanimar, mano compadre. Nada de scismas, donde não sai proveito a ninguem. Desate esses braços e procure emprego, porque doutro modo nada se faz...

Não era das coisas mais faceis encontrar emprego para Inacio. Só da lavoura ele percebia alguma coisa, pois era o seu mester. Corria a cidade, falava a este e áquele, um dia e outro, e o que lhe ofereciam não queria, o que ambicionava não lhe facultavam. Depois, era como os fidalgos arruinados, que, mesmo á vista da fome, ainda discutem a excelencia dos pergaminhos: Inacio não abdicava das suas prerrogativas de proprietario e lavrador. E, por isso, não aceitava labuta que não estivesse a par do seu passado independente. O director da Casa Pia admitia-o como continuo. Escandalizou-se com a sub-alternidade do cargo e até respondeu mal ao protector, deixando em má situação para com ele o cunhado, que o recomendara.

—Com estas tolices não temos nada feito...—murmurou o padre, ao sabê-lo.

Os dias deslizavam sem descanso neste lento e inutil *agora-vou, logo-venho, procuro e não acho*, e o peculiosito que restara do negocio com o Bouças marchava a bom marchar a caminho das tendas do sitio, na merca indispensavel da mantença cotodiana.

Na caixa de fôlha onde Aninhas guardava o dinheiro, já o fundo estava a descoberto. Dali á ultima moeda ia uma semana, quando muito. ¿ E depois? Depois... boca na parede, até vir a morte que os levasse...

Só perante a negra perspectiva o atado do Parra se resolveu a desatar a valer seu expediente. Apresentou-se uma manhã na sacristia e, resoluto como um homem ás direitas, declarou ao cunhado:

—Mano Joaquim, aqui estou, seja p'ra o que fôr... Arranje-me qualquer coisa, que eu a tudo me sujeito... A fome está-me á porta... Nem que seja p'ra tirar esterco das ruas...

Abalaram ambos de novo, a repetir as voltas de dias antes. A toda a parte onde chegavam, ouviam que o logar oferecido, por recusado, já fôra preenchido por outro.

—¡ Ah, grande asno, grande asno que eu fui!... E agora... lá morre a minha Aninhas sem pão... e os meninos... ¡ Que desgraçado eu sou, mano, que desgraçado!... —gemia o pobre diabo, de rua para rua, de casa para casa, recebendo um desapontamento e um não em todas elas. Punha as mãos na cabeça, como um macaco nos naufragios.

—Descanse, homem... Não desespere. Vamos a ver...

Por fim, depois de muitas passadas em vão, padre Joaquim, falando com o encarregado duma oficina de canteiro, que trazia um fabrico na igreja, mesmo ali ao lado, conseguiu que fôsse lá admitido o cunhado como servente, dada a sua falta de pratica, mas de modo a ganhar uns cobres, que valessem um pão e algum conduto.

Diante de coisas melhores, torcera sempre o nariz. Agora, com a corda na garganta, via assim sua prosápia andar tão baixa e tão amolgada...

E começou então o seu fadario na oficina do Timoteo Murcio, mestre-canteiro. Pouco mais fazia do que acarretar as pedras dum lado para o outro, porque era leigo no oficio e, assim, só a força, que não a habilidade, se lhe podia aproveitar.

Humilhava-o a labuta, mas como não lobrigava coisa de melhor condição em honras e proveitos, foi-se deixando estar, meses atrás dos meses.

Com o salario e as ajudas do padre, governado tudo pela sabença economica de Aninhas, lá ia vivendo mais a sua roda de gente como Deus era servido.

Herminio andava no liceu. Feito seu exame de instrução primaria, o padrinho e tio quizera pô-lo nos estudos, pagando-lhe livros e matriculas, e ainda ampliava esta assitencia com as suas doutas explicações. O restante rebanho da filharada do Parra crescia, ia crescendo com o correr do tempo. Não que se aumentasse. O ventre de Aninhas cansara, parece que por não ter já perto a terra sáfara a quem envergonhar.

Não só não crescera o numero das rezes, como até o sarampo lhe abatera duas, as mais novitas, Basilio e a que viera para Evora ao colo da mãe. Fôra um alivio para a mesa minguada, mas os pais choraram neles dia e noite por tempos longos. Judite estava uma bonita rapariga—e já dava bom arranjo a Aninhas, ajudando-a no trafego da casa. A outra, a Sara, seguia-lhe as pizadas. Teotonio já ia á escola.

Afinal, aquela moradia provisoria em casa da Gertrudes viuva transformara-se em definitiva. O filho fixara-se em Estremoz e chamara depois a mãe para junto de si. Assim, os Parras tomaram conta da casa toda. Dava-lhes isto muito geito, porque Inácio estava ali mesmo á beirinha do seu trabalho. O mesmo acontecia com padre Joaquim, que vivia agora com o cunhado.

O dinheiro que o sacerdote dispendia na educação de Herminio não caia em cesto roto. Era o rapazote um dos estudantes mas aplicados do liceu. Galgava os anos, com boas notas e distintos exames e encomios dos professores.

—Bemdito seja Deus, por tão boa paga dos meus sacrificios!...

Nas horas livres do estudo, os entretens de Herminio não se assimilhavam em nada aos dos condiscipulos, que besouravam e retouçavam pelas ruas, como o diabo á solta, em dia de S. Bartolomeu.

Com a sua seriedade prematura e impressionante, nunca achara prazer em garotadas. Em casa, metia-se no quarto e devorava nos livros, ou, então, pegava do vaso de terra do *Santuario*, colocava-o sobre o assento de palha entrançada duma das cadeiras de ramagens pintalgadas, á maneira caracteristica de Evora, e, de joelhos, em frente, levava assim horas, revolvendo a terra com a mão, afagando-a, levando-a ás vezes aos labios, como quem beija uma reliquia.

Tinha relação com este gesto devoto o seu costume inveterado de todas as tardinhas subir á torre da Sé e lá em cima, no terraço, entre os sinos mudos áquela hora de recolhimento religioso, quando os ultimos raios do sol poente arrancavam palidas scintilas das duas cupulas revestidas de ardozia brilhante,—quedar-se até a noite fechar de todo, hirto, como que alheio á vida, olhos pregados no horizonte de Arroiolos, em cujo caminho ficava a estremecida herdade, a arca sagrada da familia, cujo Noé descera miseravelmente de agricola e proprietario a reles aprendiz de alvenel, na loja de Timoteo Murcio, ali a dois passos.

Taciturno, fala-só, ampliava-se ilusoriamente a sua pequena figura de rapaz, naquela altura do terraço da igreja, sonranceiro a toda a cidade, que áquela hora de luz indecisa e baça parecia, no conjunto do seu sacrario branco, um aduar de mouros ou um imenso mar enristando as ondas floridas de espuma. E lembrava, então Herminio um nauta á prôa de caravela da conquista, espiando terra nova no horizonte, ou essa águia da Raça, esse grande taciturno e mistico de ponta de Sagres, Henrique, o Infante, debruçado sobre o misterio das vagas.

Mas aquela nau não tinha vento nem larga vela. Em vão Herminio, o solitario marinheiro, cegava os olhos, de tanto os fixar no ponto onde sabia residir a sua India. A rota era grande. ¡ Tarde lá chegaria... lá chegaria, se chegasse!...

Tambem os dias de sueto nas aulas levavam muitas vezes o primogenito dos Parras á oficina do pai. Condoia-se muito a sua alma de boa criatura e de melhor filho ao ver Inacio naquele mester forçado, tão estranho á natureza do seu viver anterior, quando em geiras próprias incitava, cantarolando, os bois e, de mão na rabiça, imprimia ao arado um ramo certo. Com tudo, o pai já se fôra afeiçoando á labuta, já fazia alguma coisa mais do que remover pedras, já nos trabalhos de menor monta empunhava a maceta e o escôpro e desbastava como os outros a carne branca e rocaz dum tronco santo para nicho de igreja, ou um frontão ourivezado de lavores para mausoleu de gente rica.

E Herminio gostava daquele ambiente cheio de poeira alvacenta como cibório e povoado de esculturas enormes, talhadas em marmore ou jaspe, Virgens com bambinos ao colo, S. Miguéis-Arcanjos cavalgando seus ginetes, S. Pedros empunhando chaves tremendas, coórte de doces espectros, maravilhoso povo de figuras aureoladas de milagre e lenda.

Parecia-lhe que um sopro de beatitude adejava pelo casarão do velho Timoteo, o canteiro-imaginario de maior fama em Evora, cuja obra eximia e perfeita era solicitada com empenho para todo o templo que se fabricasse entre Tejo e Guadiana.

E, extatico, olhos embevecidos, mente prenhe de brandos sonhos, Herminio ficava-se ali, preso da barbara musica do escopro trabalhando a pedra, *pic, pic, pic, pic, pic, pic*, com o arrulho beijante dum esposo forte, possesso de amor, violando a carne tumida e sã duma esposa linda.

E quasi olhava o pai e os mais artifices-pedreiros, de carões duros e grenhos espessas, que as astilhas miudas e brancas da pedra enfloreciam, envoltos naquela especie de clarão lunar e ascencional, como super-deuses, deuses criadores doutros deuses, de cujas mãos grosseiras mas geniais, saiam, perfeitas e belas, as figuras que, apesar de sua dureza e sua imobilidade, traziam o magico poder de amansar e melhorar o bravio e ferino coração dos homens...

*Pic, pic, pic... pic, pic, pic*, arrulhava o escopro, beijando a amoruda pedra. E o pó, qual sémen alvo como farinha, fluia no ar. E sonhava o rapaz com milagrosas teogonias, olhando os canteiros.

*Pic, pic, pic... pic, pic, pic...*

CESAR DE FRIAS

TEATRO SALÃO FOZ
O ARROZ DOCE
TEATRO SALÃO FOZ

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. 3028 N.
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
ás 21,30
O grande exito da anterior temporada
As Azas Quebradas
Orquestra Sintonica de Lisboa
Regencia de FERNANDES FÃO
DOMINGO, 17 — Concerto extraordinario — Programa constituido por obras do insigne compositor português OSCAR DA SILVA que tambem toma parte no concerto
Preferencia dos srs. assinantes aos seus logares até ámanhã
Linfatismo-Doenças de pele-Banhos cloretados
ESTORIL-TERMAS

Tiro ao Alvo — que no proximo dia 15 sobe á scena no Eden é a tranformação radical do
Tiro ao Alvo — que tão grande éxito fez na época de verão
Tiro ao Alvo — Podiam os autores dar um novo titulo tais transformações introduzidas, está destinada a um éxito invulgar porque o
Tiro ao Alvo — tem a representá-la a maior companhia de revista que se tem formado nos ultimos tempos
Tiro ao Alvo — vai ser a atração da época de inverno
Tiro ao Alvo — vai encher todas as noites o Eden.
STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TEATRO SÃO LUIZ
Companhia italiana do grande actor
ERMETE ZACCONI
da qual faz parte
a celebre actriz INES CRISTINA
HOJE
6.ª RÉCITA DE ASSIGNATURA
A peça em 4 actos, de Shakespeare
Fera amansada
Ámanhã não ha espectaculo
5.ª feira — 7.ª recita de assinatura OTELLO

NACIONAL
TEL. N. 3049
HOJE Grande exito
Mais uma representação da notabilissima peça de OSCAR WILDE, versão livre de JULIO DANTAS
O
Leque de Lady Margarida

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

## Chá das cinco

### O sol

*Aquele sol quentinho, borralheiro, humido de luz, amigo dos gatos, aquele sol que estava fóra do calendario e que andava por ai retorçando nas relvas dos jardins, entre cabeças de crianças e lindos vestidos de flôres, embrulhou os seus scenarios de oiro e foi fazer* tournée *de luz como um artista para os paises do sul.*

*Fez as malas, o ingrato! E era tão certinho depois das 9 horas quebrando a humidade côr de rosa dos campos, debruçando-se no peitoril das janelas, abrindo ilidios entre as arvores nuas dos jardins de Queluz, fechando-os muito cedo, para que só houvesse saudades, saudades de bem amar e de bem chorar! O nosso amigo sol partiu em* tournée *para o sul. Já não ha duvida.*

*A neblina anda a envolver os sete altares desta Lisboa opulenta e desdenhosa. Como está feia esta mulher de pedra e rumor, de argamassa e de ilusões! Como ela lembra sob o nevoeiro, escasso ainda, certas cabeças bonitas de mulher que o tempo risca e o mesmo tempo enche de cabelos brancos desgrenhados e nevoentos!*

*Por onde anda o nosso amigo sol? Passou a linha do Equador num navio em chamas, desembarcou em terras longinquas; afina agora a sua voz de oiro, o tenor, e vai cantar três vezes a fio com casas cheias, flores certas e amores novos.*

*A.*

## Os electricos

### Quantia restituida

Veiu hoje á nossa redacção o condutor 1.174 entregar um escudo e noventa centavos, que no dia 7, como noticiámos, se esquecera de restituir a um passageiro dum carro electrico Rocio-Dafundo. O 1.174 afirmou-nos que só por descuido fez tal e que tem servido em varias casas que podem atestar a sua honestidade. A quantia entregue é para os pobres do *Diario de Lisboa*.

## CAMBIOS

DIA 12

| | Comprador | Vendedor |
|---|---|---|
| Libra esterlina | 109$000 | 114$000 |
| Londres, cheque | 2 9\|32 | 2 1\|4 |
| » 90 d. v. | 2 11\|32 | — |
| Não Londres | 6 9\|16 | — |
| Paris | 1$608 | 1$640 |
| Itália | 1$156 | 1$172 |
| Bélgica | 1$496 | 1$517 |
| Suiça | 4$329 | 4$359 |
| Espanha | 3$578 | 3$624 |
| Berlim | 2 1\|4 | 3 1\|2 |
| Holanda | 9$156 | 9$283 |
| Nova-York | 22$989 | 23$289 |
| Brasil | 2$849 | 2$952 |
| Suecia | 6$209 | 6$384 |
| T. Desc. Banco de Portugal | — | — |
| Agio do ouro | 2$100 | 2$200 |

MERCEDES
A MAQUINA DE ESCREVER ELEITA
A unica maquina de escrever do mundo que pode ser desmontada e montada por qualquer, sem conhecimento de mecanica e sem auxilio de ferramenta.
SOARES, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 95
LISBOA
Telef.: 2221 C. Telegg.: MAQUIVER-LISBOA

Manuel A. Cabral
ALFAIATE
170, 1.º, Rua do Ouro, 170, 1.º—Telef. C. 3060

## NO TEATRO S. LUÍS

# 'Morte civil'

## FOI ONTEM INTERPRETADA NOTAVELMENTE PELO GRANDE ACTOR ZACCONI

Zacconi morreu ontem. Vimo-lo morrer sob nossos olhos, um dilatado de espanto, outro estoirado de terror, vergados, ansiosos, presos naquela vida que fugia espavorida, aos golfões de dôr, vendo aqueles dedos que tinham dois mil corações sangrentos, nús, a sala inteira, amarrada, chorando, gritando: não posso mais! Levem-me!

Deus arrancou da terra o primeiro humus e ergueu um homem. E esperou mil anos, dois

**Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro**
publicado na revista «A Parodia»

mil para agarrar um pedaço vivo de dôr, um floco palpitante de genio, e, trucidando-os, amalgamando-os, criou Zacconi.

Este homem ontem, na *Morte Civil*, foi mais que humano, mais que colossal, mais que titan. Abrazou-se em genio, subiu as escaleiras da loucura, abriu a carne, arrancou-lhe todos os stigmas, deu mais dôr á terra; fez brotar uma nova angustia. Não se pode sofrer mais, sofrimento concentrado de todos os homens e de Deus, ali naquele palco, e, de tal maneira, que o ritmo do nosso sangue se estanca, que o nosso coração tem momentos que fica suspenso, que basta um gesto deste homem que se chama Zacconi e que tem mil almas para que a morte sobrevenha.

* * *

Como ele entra, no segundo acto! Tão de longe vem e tão cansado, o mais miseravel de todos os miseraveis, que as palpebras fecham-se-lhe, emquanto um grito fervoroso salta da mascara.

* * *

No segundo acto, Zacconi, ao contar o assassinio e a fuga é tão grande que nenhuma linguagem lhe basta e que ele nos dispensa, a todas. Não falasse, conservasse apenas o jogo dos zingmaticos, que o cadaver do *outro* estava ali.

* * *

A morte! E' o camponio em que a alma abre como agua em rocha viva. Desde a ideia do suicidio, que nasce sem uma palavra, apenas em duas pupilas que deambulam mais largo, até ao amargo da estriquinina ferindo o palatino; desde a primeira convulsão em que os olhos perdem a luz e se tornam brancos, até ás mãos que cegam, animadas por estremecimentos magneticos; desde a benção á filha, ó beijo a Deus, até ao animal que acorda no homem e atravessa o palco encolhido, cabeça abatida, enovelado e preso a mil garras, até áqueles braços formidaveis, onde agora residem o maximo da angustia, o formidavel do espanto, a Morte—a Morte, sim, maior do que ela—e que se encostam pela mesa—tudo isto tem grandesas de inferno, loucuras pavidas, rajadas de nervos estorcegados.

* * *

A *Morte civil* é uma velha e uma grande peça. Ha dois actos nela em que Zacconi quasi não fala; tem apenas uma mimica assombrosa; correndo todos os cambiantes, forçando aos pontapés as portas do real e do humano, cada vez maior, cada vez mais alto. Não tem tiradas onde a voz se cave fundo; bastam-lhe as expressões que se acendem no fogo do rosto.

* * *

Ricci foi sincero, terno e foi tambem impassivel e fraco. Cristina detalhou demasiadamente a *maquillage* nos olhos. Teve gritos que lhe vieram da alma, mas teve tambem atitudes frouxas de emoção, quando bastava a emoção de Zacconi para lhe incendiar a alma.

* * *

O teatro transbordava de gente. As *toilettes* são já mais heterogeneas. A plateia está constipadissima. Ha uma orquestra de espirros e tosses que substitue desagradavelmente o sexteto. Recomendamos as pilulas de *cinagloss*.

* * *

As mesmas caras do primeiro dia. Certas senhoras conservam as mesmas testeiras de veludo, as mesmas pregas dos *decólletés*, como se tivessem dormido num deslumbramento, de um dia para o outro, no teatro, e acordado ao dar das 9, quando as electricidades zunem nas *nictras*.

* * *

Ha conversas animadas. O sr. Fernando Emidio da Silva, cabelo á Napoleão sobre a testa, tem um olhar noivado do sepulcro para o balcão de 1.ª. O sr. Portugal Durão, a quem os cabelos brancos arrefecem a cabeça, lança os olhos para todos os camarotes, á procura de lindos colos.

* * *

O sr. Presidente da Republica assistiu. O sr. Antonio Maria da Silva estava á esquerda do sr. dr. Antonio José de Almeida. Vitorino Guimarães no meio. As poucas casacas do teatro estavam no camarote presidencial. Qualquer dia o chefe do governo, a unica criatura a quem se não pode aplicar a *Morte civil*, dará uma sessão de Zacconi no parlamento. Muitos deputados andam beneficiando as suas atitudes.

* * *

Zacconi teve dez chamadas. A senhora D. Veva de Lima, que pertence á mais nobre ala do espirito feminino, foi peninsular, exuberantenas aclamações. Em muitos camarotes havia brancos de lenços que voavam mal, humidos das lagrimas enxutas no final do ultimo acto.

* * *

— Não quero vêr! Levem-me! — dois gritos despedaçados de mulher, quando da morte de Conrado, que são a mais sincera consagração dum colossal artista. Chorava-se como se chora nos cemiterios, com lagrimas esbrazeadas. As garras côr de rosa cortaram, despedaçaram as balaustradas. Luís Cardoso tem que mandar pôr veludo novo nos balcões.

*A. P.*

## Pelos teatros

### Ermete Zacconi

*O representante geral da Socidade Italiana de Autores Dramaticos sr. Maurizio Polleri oferece esta noite uma ceia ao grande artista Ermete Zacconi a qual se realiza no restaurante Tavares, com a coadjuvação da revista «De Teatro».*

*A essa ceia intima, assistirão varios artistas, entre êles o actor Brazão; jornalistas Avelino de Almeida, Jorge de Faria, Alvaro Lima, e pela revista «De Teatro» o seu director sr. Mario Duarte, Guedes Vaz e Leitão de Barros.*

### Pianista Rosenthal

*Realiza-se ámanhã, ás 21 horas, no teatro de S. Carlos, o primeiro concerto desta epoca em que se apresenta o grande pianista Rosenthal, que executará o seguinte programa: «Fantasia cromatica e fuga» de Bach; «Variações sobre um tema de Paganini», de Brahms; «Sonata em si menor» de Chopin; «Berceuse, valsa em dó sustenido menor», «Chant polonais» de Chopin; «Dois estudos» de Scriabind; Carillon de Liadow; «Estudo em terças de valsa em ré bemol maior» de Chopin por Rosenthal e «Rapsodia hungara n.º 2» de Liszt.*

*O 2.º concerto realiza-se na sexta feira 15.*

### Atrás do reposteiro

A fim de se cumprir o programa posto no começo da época, no que respeita a repertorio, o Nacional deve realizar a sua terceira récita de assinatura já na proxima semana, representando a peça dos Irmãos Quinteros, «El mundo és un pañuelo», que João Soler traduziu com o titulo «O mundo é tão pequeno». A nova peça, que em toda a Espanha tem um justificado renome, será interpretada por Augusta Cordeiro, Albertina de Oliveira, Laura Hurisch, Joaquim Costa, Rafael Marques, Ana de Oliveira, Joaquim de Oliveira e Maria do Pilar.

—Realizou-se ontem, no Eden-Teatro, o primeiro ensaio de junção da revista «Tiro ao alvo», na qual reaparece a actrix Elisa Santos, nos papeis de «Menina do Fox» e «Arregaça a saia».

—Os notaveis artistas «Los Clorenes» entram hoje, com o seu magnifico numero de equilibrios, no programa do Coliseu dos Recreios. Quinta feira ha uma grandiosa «matinée» elegante.

—A peça de Oscar Wilde, o «Leque de Lady Margarida», perfaz hoje 25 representações, no Nacional, efectuando-se ámanhã, com ela, mais uma récita da moda.

—Embarca ámanhã, no correio da noite, para Santarem, a companhia de drama e comédia, que esteve no Eden-Teatro, dirigida pelo actor Jorge Grave, a qual, depois de dar espectaculos naquela cidade, Figueira da Foz, Coimbra, Viseu e Aveiro, se estreará, no Carlos Alberto, do Porto, com o seguinte repertorio: «As Duas Garôtas de Paris», «Mancha que limpa», «O crime do Cochicho», «O tratado secreto», «O comboio n.º 6», «O homem que assassinou», «Fidalgos da Casa Mourisca», etc., etc.

## CARTAZ

**S. Carlos**—Não ha espectaculo.
**Nacional**—A's 21—«O leque de lady Margarida».
**S. Luís**—A's 21—Companhia italiana.
**Politeama**—A's 21,30—«Azas Quebradas».
**Avenida**—A's 21,15—«Bonecos articulados».
**Apolo**—A's 21—«Cigarro bréjeiro».
**Eden-Teatro**—Não ha espectaculo.
**Salão Foz**—A's 21,30—«Arroz doce».
**Coliseu dos Recreios**—A's 21—Companhia de circo.
**Gil Vicente**—Aos domingos, segundas e quintas—«A Casta Joana».

### Animatografos e variedades

**Cinema Condes** (Avenida da Liberdade).
**Chiado Terrasse** (Rua Antonio Maria Cardoso).
**Climpia** (Rua dos Condes).
**Salão Central** (Praça dos Restauradores).
**Salão Ideal** (Rua do Loreto).
**Teatro dos Anjos**—As 20,30—Companhia de variedades.
**Cine-Paris** (Rua Ferreira Borges).
**Salão da Promotora** (Ao Calvario).
**Eden Cinema** (Alcantara).

POLITEAMA
GRANDE ÉXITO
As Azas Quebradas

PROVEM TODOS OS NOVOS
REBUCADOS DE FRUCTA
ALIANÇA
FABRICADOS NAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES POR PESSOAL SUISSO, SÃO SUPERIORES AOS EXTRANGEIROS

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

HA GENEROS QUE APODRECEM?

# O serviço DAS ENCOMENDAS não satisfaz a população de Lisboa

A entrega das encomendas postais que está sendo feita num acanhado barracão junto á Alfandega, não é feita com rapidez, acumulando-se ali verdadeiras montanhas de pacotes. Fomos hoje ouvir o sr. José Meireles de Carvalho.

Ele diz:

—O barracão é acanhado. O pessoal não pode trabalhar á vontade. Os generos estragam-se e a gente tanta que se têm de organizar bichas que a policia regulariza.

—A culpa é do pessoal?

—A culpa não é do pessoal, que mostra a melhor vontade e dedicação em servir o publico, mas sim de quem não providenceia e dá remedio a este estado de coisas. Uma população, como a de Lisboa, será sempre mal servida emquanto a entrega das encomendas postais, que hoje tem um movimento extraordinario, estiver concentrada sómente naquele acanhado barracão.

Diz mais:

A população de Lisboa, com a sua extensa área actual, não pode estar sujeita a só uma secção de entrega de encomendas postais vindas de todos os pontos do país. E' pouco, pouquissimo, e não satisfaz.

—O que pensa fazer a administração geral dos correios, sabe?

—Ouvi que a administração geral dos correios *pensa ha muito* em criar uma estação de 1.ª classe numa casa ás Picôas, já adquirida, para a entrega e recepção de encomendas postais.

—Porque não se cria já essa estação? Não serviria ela uma grande area da cidade e não descongestionava a actual secção do Terreiro do Paço?

—Por certo que sim. Remediaria um mal que muito prejudica a cidade. Mas infelizmente é pecha do país ou dos poderes publicos, deixam *correr* o *marfim*. Ora este serviço tem de ser encarado a serio e resolvido, porque aquela vergonha do Terreiro do Paço não pode nem deve continuaa.

# O novo governo

*Ministro da guerra*

O sr. ministro da guerra recebe no proximo sabado, pelas 14 horas, os cumprimentos da oficialidade da 1.ª divisão do exercito, do Campo Entrincheirado e dos estabelecimentos militares.

O sr. ministro da guerra voltou hoje a conferenciar com o chefe do governo.

*Ministro do comercio*

O sr. ministro do comercio só recebe aos sabados, depois das 12 horas, as pessoas estranhas aos serviços do seu ministerio.

## *O GOVERNADOR DE TIMOR*

*insiste pela sua exoneração*

O tenente coronel medico sr. Paiva Gomes, governador interino da provincia de Timor, insistiu novamente pela exoneração daquele cargo.

## *Dr. Frederico Igrejas*

Encontra-se doente, ha alguns dias, o nosso querido amigo sr. dr. Frederico Igrejas, a quem desejamos prontas melhoras.

## Majoria general da armada

Foi exonerado do logar de chefe da 1.ª secção da repartição de pessoal da majoria general d'armada o capitão-tenente sr. Augusto Saldanha, sendo nomeado para o substituir o capitão de fragata sr. Andrade Rodrigues.

POLITICA ADMINISTRATIVA

# 25.000 CONTOS VAI TER A CAMARA MUNICIPAL PARA MELHORAMENTOS

## O "Diario de Lisboa,, entrevista o vereador sr. Roman Navarro

250.000 libras. Ao cambio actual são cêrca de 30.000 contos. Assentemos em 25.000. E' quanto a Camara Municipal vai ter por emprestimo.

— Dinheiro! Tanto dinheiro! Para quê tanto milhar de contos?

E' o senador municipal sr. Roman Navarro quem responde:

— Dinheiro, não é muito. A cidade precisa de muito mais. São os senhores dos jornais que o dizem...

Como os leitores sabem, ontem na sessão da vereação foi aprovado o emprestimo, por maioria. Terão agora as Juntas de Freguezia que dar o «referendum» á operação.

— São capazes, democraticamente, de recusar o seu voto — dissemos nós, para ouvir.

— Possivel, mas não provavel. Lisboa tem as suas obrigações, e as juntas não haviam de querer a cidade jungida ao seu estado actual, sem pavimentos e tanta cousa por acabar.

Detalhes, que são pouco conhecidos:

—O dinheiro destina-se exclusivamente á conclusão de novas Avenidas, aos pavimentos e á construção de mercados. A Camara administrará autonomamente o dinheiro. Isto é: os banqueiros não teem nada que ver com a aplicação dada ás 250.000 libras.

—Cambio?

—Do dia. Será pago daqui a dez anos ao cambio de então. Pode ser um belo negocio municipal. Daqui a dez anos o cambio ainda pode estar a 2 e meio?

—Quem se interessou pelo negocio?

—Os advogados Santos Nogueira e Sá e Melo. Representam o sr. Neubery, um inglês casado com uma senhora portuguesa, e que é muito amigo de Portugal.

—Amigo?...

—Sim. Representa o grupo dos banqueiros de Londres.

—Mas ha uma clausula dura. Lêmos: «Este contracto será considerado como inglês, feito em Londres, e deverá ser interpretado segundo as leis portuguesas e inglesas; mas quando houver um conflito de leis, prevalecerá a lei inglesa».

Resposta:

— Foi proposta da comissão de finanças, e é benefico para Portugal. Em resumo, a primeira cidade do país pode, querendo e sabendo, aproveitar esta operação.

—Mas não ha uma oferta qualquer, do Canadá?

—Não. Houve. Aí está o caso. Houve, e foi recusada 3 vezes. Não chegou a vir ao Senado. Era a de Societé Nationel de Construtions. Queria ficar com a cidade na mão. Foi posta de parte.

—Com que então, grandes avenidas?

—Ha alguns projectos, que o *Diario de Lisboa* já deu. A Avenida Oriental, a Avenida da India. Mas tudo isto está para longe. O mais urgente é as ruas, os mercados, e a conclusão do que está feito.

—Sorriu, trocando de si proprio:

—As obras do Rossio...

# A PRAÇA CAMÕES TERÁ A MESMA SORTE DO ROSSIO ?

Ouvimos hoje, com todo o aspecto de fundamento — os boatos como certas pessoas têm cara de sérias ou caras equivocas, ainda que a gente se engane quasi sempre —; ouvimos hoje que a Companhia dos Electricos solicita uma modificação na Praça do Camões, semelhante á que teve o Rossio e que obrigou a demolição da praça de D. Pedro IV.

Que a linha dos electricos circundaria a praça, que a estetica ficaria isolada, e que as arvores desapareceriam, etc., etc.

E alguns comerciantes já se mostram surpreendidos, receosos. O mesmo vereador citado acima, e que é gentil, foi por nós interrogado.

—Sei que a companhia pediu umas modificações. Algumas alterações a certos traçados. O da Praça de Camões — não nos consta.

—Mas...

—Mas os senhores que o dizem... lá o poderão saber.

E sorriu enigmaticamente:

—Eu — não sei nada.

MOBILIAS
O que ha de melhor
O que ha de mais barato
O que ha de mais artistico
Sempre para confrontar 3 mobilias completas
Por Esc. 3.450$00
Casa de jantar ou quarto, escritorio e sala de visitas
J. de Gouveia, Campos & Comp.ª, Lim.da
152, Avenida da Liberdade, 152 (Junto ao Teatro Avenida)

O GOVERNO E O PARLAMENTO

# A politica DOS INDEPENDENTES e o que diz o deputado Pina Morais

Pina de Morais é um homem da montanha e como ela rude, simples, primitivo—na politica.

Fala com alma, com ternura selvagem, abrindo os olhos, perfilando-os em frente das coisas e dos problemas.

O seu *Ao Parapeito*, livro da guerra, é agora um parapeito de deputado. E' independente, mas independencia politica que chega a sair fora do agrupamento parlamentar do mesmo nome.

Dá-me um lugar ao seu lado e fraterniza como bom camarada:

—O que é preciso? Mesmo assim, o que é preciso?

—Vejo que os politicos ainda não encararam corajosa, sinceramente, os grandes problemas... Metem-nos na gaveta...

E abrindo os olhos frescos de emoção e de paisagem.

—Aqui como nas brenhas da minha terra, ignora-se tudo...

—Esse tudo?

—E' o principal... Ha uma grande fogueira — e a sua voz ergue-se — uma grande fogueira que tem labaredas altas... São elas os problemas colonial, financeiro, internacional... Tudo isto é grave...

—O ministerio?

—Um ministerio criado dentro dum zigzag politico que toca todos os pontos...

Ha um papel e Pina de Morais faz pontos a tinta.

—Aqui os liberais, acima os independentes, os reconstituintes, o terceiro ponto mais alto é já o bloco...

—E aqueles dois...

—As duas correntes do partido democratico...

—E o governo...

—A corrente que derrubou o segundo ministerio Silva julgo que ainda existe.

—Talvez em correntes...

—Não ha correntes. Se as houvesse, arrastariam alguma coisa... O que levam á flôr das aguas agora os agrupamentos? Nada!

«Um governo deve ser a resultante de um conjunto de forças nacionais e que execute as intenções dessas forças».

Uma frase.

—Um governo, tendo um bom ministro das finanças, garante a vida e a liberdade de acção aos seus colegas de ministerio para trabalharem.

—Os independentes apoiam o governo?

—Sei lá amigo! Cheguei ontem do norte... Têm obrigação de o fazer.

—Lá fóra os politicos classificam-se pela definição das suas atitudes perante os problemas.

—A Republica perante a Igreja?

—Deve ter uma atitude de bondade, que é afinal a extrema neutralidade. A religião faz parte de todos os tempos, de todas as democracias, em todos os paises. A Em França, durante a guerra, eu vi as crianças no terraço das escolas cantando a *Marselhesa* e irem para a igreja rezar a Avé Maria.

## Um incendio

Hoje, pelas 7 horas da manhã, declarou-se um violento incendio num barracão de madeira da rua João Crisostomo, onde estavam guardadas grandes quantidades de carvão e lenhas. Acudiu prontamente o material de bombeiros. Os prejuizos são importantes, tendo o incendio destruido vinte metros por cima do barracão.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

# Pinto & Sotto Mayor
## BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

## BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

# PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

## trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragem a relevo—Encadernações simples e de luxo

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

OS MELHORES BRINDES PARA O NATAL E ANO BOM SÃO AS LUXUOSAS CARTONAGENS COM BONBONS DA

# S. I. C.

# JOIAS

COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES, MODELOS DO MAIS FINO GOSTO

## PREÇOS SEM COMPETENCIA

SÓ NO

## CORREIA MOURA & PIMENTA, L.da

## RUA DE S. PAULO, 186

(Proximo á CASA DA MOEDA)

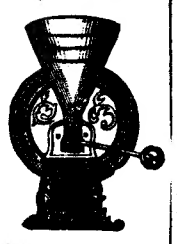
# Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.o 1244
LISBOA

# ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO

SUCESSOR: M. V. DA FONSECA



*Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.*

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 == R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061—Encarnação ◇◇◇ LISBOA

*N. B.—Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa*

ALFAIATARIA

Rua Arco Bandeira, 173, 3.° D.

## S. MARQUES

Ex-contramestre da ALFAIATARIA PARIS

Especialidade em fardamentos do exercito e da marinha.

*VARIADO SORTIMENTO DE FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS*

# Maquinas de escrever

Novas e usadas. Concertos garantidos em todos os sistemas de marcas.

## Rua Augusta, 76-4.°

J. Viegas Pereira

## BANHEIRAS

DE FERRO ESMALTADO, A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Rico Nacional Aureo, L.da

33, RUA 1.° DE DEZEMBRO, 37

Telefone 4047-Norte

*Fonsecas, Santos & Vianna*

# BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

## Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

# FATOS E SOBRETUDOS

fazem-se com perfeição e rapidez. Preços economicos, bons forros, belo acabamento. Vai-se a casa do freguez. Escrever postal a

## D. RELVAS

R. DO DUQUE, 11-3.° E.—LISBOA

# LAMPADAS

Vendem aos melhores preços:

## Lobato & Silva, Ltd.a

Rua da Prata, 8

Telef. C. 1917

# DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE LONDRES

## REPARAÇÕES E DIVIDAS

### Bonar Law interrompeu as sessões da conferencia

*LONDRES, 12*

*A conferencia dos primeiros ministros aliados que está tratando dos problemas das reparações e das dividas inter-aliadas foi interrompida para permitir ao sr. Bonar Law que trocasse impressões com os seus colegas do ministerio.*

*Os ministros aliados discutiram no sabado e no domingo a questão das moratorias e ouviram as propostas feitas pelo sr. Poincaré ácêrca de medidas de coacção a empregar. O sr. Mussolini tambem apresentou as suas propostas, tendo tambem sido apreciadas as propostas alemãs que não foram julgadas satisfatorias. O sr. Bonar Law fez uma proposta, que o sr. Poincaré declarou não poder aceitar, tendo sido, em virtude disto, que o sr. Bonar Law declarou que lhe era necessario consultar os seus colegas de gabinete. A imprensa diz que o primeiro ministro inglês deseja pôr de lado a nota Balfour. Causou boa impressão que a Inglaterra se oferecesse para ficar sendo a unica nação credora da Alemanha.—(R.)*

### A guerra civil na Irlanda

LONDRES, 12

Continuam os tumultos na Irlanda, notando-se, comtudo, que as execuções de Lory O' Conwor e Lian Mellowes produziram uma certa impressão entre os rebeldes e diminuiram a audacia dos seus ataques.

Aqueles dois dirigentes do movimento anti-governamental, com mais dois outros, foram, segundo declaração oficial, executados em represalia do assassinio do deputado Halls.—(R.)

### Carreira de aeroplanos

LONDRES, 12

Estão concluidas as negociações entre a Inglaterra e a Hungria para o estabelecimento de uma carreira de aeroplanos entre Londres e Budapest, com escalas em Bruxelas e Berlim. Essa viagem será feita em 12 horas. —(R.)

O EXEMPLO GREGO

## FUZILAMENTOS NA IRLANDA

### Quatro dos mais energicos cooperadores de De Valera foram condenados e executados EM MENOS DE 24 HORAS!

Em Dublin deu-se agora um caso de execuções politicas parecidissimo com o de há dias em Atenas. Quatro irlandeses—Rory O'Connor, Lian Mellowes, Joseph Mckelvey e Richard Barrett—os «leaders» mais habeis e mais energicos do partido republicano, foram fuzilados como represalia do assassinio do general Sean Hales e de Frederic O'Malley, membros da Camara dos Deputados.

Os justiçados haviam dado entrada dias antes na prisão de Mountjoy. As autoridades do Estado Livre, apenas tiveram conhecimento da morte dos dois deputados—ocorrida já depois da prisão dos condenados—fizeram-nos julgar em conselho de guerra, durante a noite, e, horas depois, antes do amanhecer, eram todos fuzilados. Ninguem soube de nada senão depois de cumpridas todas as formalidades da «lei». Nem sequer os parentes dos prisioneiros foram avisados do que se decidira no tribunal.

O governador da prisão, três padres e alguns funcionarios que assistiram á scena—de cuja rapidez não há memoria nem mesmo na historia movimentada da Irlanda moderna—contam os seguintes pormenores:

Posto que mal preparados, os quatro republicanos, a quem haviam vendado os olhos antes de saírem da prisão, caminharam bravamente ao encontro da morte. Só Rory O'Connor, que estava doente e fraquissimo, é que teve de ser amparado pelos soldados.

O pelotão de execução recebeu ordem de fazer fogo. Soaram 12 detonações e os quatro homens tombaram de bruços. Alguns minutos depois, os cadaveres eram sepultados em fossas que durante a noite haviam sido abertas apressadamente no proprio terreno da prisão.

Os executados eram dos colaboradores mais energicos de De Valera. Rory O' Connor é aquele que, á frente de 400 rebeldes cercados no tribunal de Dublin pelas tropas nacionalistas, resistiu durante mais de uma semana aos seus adversarios, não se rendendo senão quando o edificio, transformado n'uma verdadeira fortaleza, estava quasi demolido por completo.

Lian Mellorres e os dois outros «leaders» que foram executados tomaram tambem uma parte importantissima nesse combate, que ficou memoravel na historia da revolta irlandeza.

DE BERLIM.

## 156.000.000 DE MARCOS.

### foi o lucro da Casa Krupp durante o ano corrente

*BERLIM, 12*

*O relatorio anual da casa Krupp mostra que esta teve um lucro de 156:000,000 de marcos, dos quais 110:000.000 foram dispendidos em instituições para o bem estar dos operarios e na construção de casas de habitação para os mesmos, tendo sido colocados no fundo de reserva 16 milhões de marcos. O trabalho foi muito prejudicado pela falta de carvão e a producção alcançou apenas dois terços da de 1914.*

*Quarenta e três por cento dos maquinismos existentes nas fabricas Krupp foram destruidos por ordem dos oficiais da comissão de fiscalização aliada.—(R.).*

### O ultrage aos oficiais allados na Baviera

BERLIM, 12

O governo alemão esteve quasi decidido a responder negativamente á nota da conferencia dos embaixadores que exigia o pagamento de 1.000.000 de marcos como indemnização pelos ultrages feitos aos oficiais aliados na Baviera como já foi comunicado. No fim da reunião governamental foi, porém, resolvido pagar a multa para evitar que os aliados exercessem as represalias com que tinham ameaçado a Alemanha. O «Vorwarts» aprova esta decisão e pregunta durante quanto tempo ainda será o governo alemão obrigado a pagar dinheiro por causa das provocações dos nacionalistas bavaros.—(R.).

### A carestia da vida

BERLIM, 12

Os viveres aumentaram durante o mês de novembro o seu preço duma forma consideravel. Calcula-se que a media geral do preço dos viveres tenha aumentado em relação a 1914, 11.500 por cento.—(R.).

## A Alemanha e o Cinema

### Um grande «film» alemão no Cinema Condes

Estreia-se hoje no Condes, nas duas sessões de tarde e á noite, um belo «film» alemão, *A amargura de viver*, que vem revelar-nos uma grande actriz alemã, Fer Andra, até agora desconhecida em Portugal. Este «film» é uma curiosa demonstração do alto valor dos artistas cinematograficos alemães, tendo uma das suas partes consagrada a um espectaculo num circo que é uma das mais curiosas coisas que é possivel imaginar. No programa de hoje figura a comedia *Sobressalto*, pela ex-esposa de Charlot, o interessante «film» sportivo *Match de box Kriqui-Nwis* e *A defesa do Pencudo* pelo impagavel comico. Brevemente estreia do «film» em episodios *A herdeira do Rajah*.

## Espirita japonesa

A MAIS celebre e acreditada, a sua fama é mundial, como pode provar ás suas clientes. Quereis resolver breve um bom casamento, que os vossos maridos sejam fieis, quereis harmonia entre familias, consultai a unica verdadeira espirita em Portugal, que ela vos ensina como resolver bons negocios que estejam empatados, diz os anos que viveis e o nome da pessoa que vos quere mal e trata de todo o mal e vende talismans para sorte. Enviar 3 escudos a Ladureth. Caminho Forno Tijolo, 28, rlc., E., á Graça. Consulta das 11 ás 6.


Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74


## Policlinica do Intendente

### Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

**Dr. Abel Alves**—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
**Dr. Almeida Dias**—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
**Dr. Anastacio Gonçalves**—Doenças dos olhos, ás 15.
**Dr. Antonio Martins**—Doenças das senhoras, ás 16.
**Dr. Armando Formigal Luzes**—Rins e vias urinarias, ás 11.
**Dr. Artur Pacheco**—Doenças da pele, ás 14.
**Dr. Benard Guedes**—Raios X, ás 16.
**Dr. Carlos Fradique**—Doenças das crianças, ás 15.
**Dr. Fernando Fonseca**—Medicina geral, sifilis, ás 15.
**Dr. Fórmigal Luzes**—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
**Dr. Mario Rosa**—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
**Dr. Pereira da Silva**—Analises clinicas. Vacinas.
**Dr. Pereira Varela**—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
**Dr. Vasco de Lacerda**—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
**Dr. Vasco Palmeirim**—Cirurgia geral e operações, ás 16.


ALSTER HOTEL RESTAURANT
Trafaria
Proprietaria B. J. FELGENHAUER


INVENTARIOS, QUESTÕES DE INQUILINATO, ASSUNTOS DE ADVOCACIA E PROCURADORIA

PROCURADORIA GERAL
LUSO-BRASILEIRA
TEL. N. 2363 R. OURO, 220-2.º

## GRANDIOSO PROGRAMA

### O espectaculo de hoje no Coliseu dos Recreios e a «matinée» elegante de quinta feira

Pela primeira vez nesta epoca entra hoje um novo trabalho no programa do Coliseu dos Recreios, o dos notaveis artistas «Los Clovenes», que executam um magnifico numero de equilibrios, valorizando mais, assim, o admiravel programa da grande companhia de circo.

Depois de ámanhã realiza-se mais uma «matinée» elegantes, sendo oferecidos ás senhoras que ocuparem os camarotes, pela pastelaria Ferrari, magnifico chá «Magarvattre», e pela Sociedade de Licores Scalabitana Limitada magnificos licores, produto esmeradissimo a competir com os licores estrangeiros, sendo tambem oferecidos ás crianças pelas Fabricas Suiça e da Pampulha deliciosos «bonbons» e bolachas que tanta e tão justa fama teem coroado.

R. I. P.

## Leopoldina Maria Costa

### Faleceu confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Manuel d'Oliveira Luzes, Francisco d'Oliveira Luzes, sua esposa, filhos e noras, Benjamim Mariz Costa e sua filha, Helena Maria Rodrigues e seus filhos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua estremosa mãe, sogra, avó, irmã e tia, devendo realizar-se o seu funeral, ámanhã, 13 do corrente, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, na rua das Praças (á Lapa), n.º 24, para o cemiterio ocidental.


VAI ABRIR o grande
Restaurant Estrela de Bemfica, Ltd.
(Ao fim da linha electrica, em frente da Igreja)
Cosinha de primeira ordem—Almoços e jantares concertos—Serviço para baptisados e casamentos—Instalações amplas e confortaveis.
ABERTO DURANTE A NOITE

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICÓRES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
Se quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

6 HORAS DA TARDE

# ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS DA TARDE

NO TRIBUNAL MILITAR

## JULGAMENTO

### DOS IMPLICADOS NO MOVIMENTO NACIONALISTA

#### A audiencia de hoje

A sala do Tribunal Militar Territorial tem hoje um aspecto mais carregado.

Presidente, o general sr. Antonio Mendonça; juiz auditor, o sr. dr. Almeida Ribeiro; promotor de justiça, o capitão sr. dr. Coelho Teixeira; secretario, alferes Ripado; defensores, dr. Mario de Aguiar e major Tamagnini Barbosa.

Do jury fazem parte os srs. tenente-coronel Manuel Gonçalves de Carvalho, major José Machado Duarte Junior, capitães Antonio Borjão, Fernando Palhote, Gaspar Antonio Lima e José Franco.

As bancadas destinadas ao publico, encontram-se replectas de senhoras e grande numero de oficiais.

A audiencia abre ás 13 horas. O presidente convida o secretario a fazer a chamada das testemunhas.

Entram os reus tenente de infantaria 1, Adriano Augusto Dores, João de Castro Osorio, José Osorio de Oliveira e João Alberto Soares Pinto da Cruz.

Os reus são arguidos de terem organizado um movimento revolucionario que devia ter a sua eclosão na noite de 8 para 9 de julho proximo passado, com o fim de derrubar o poder constituido.

* * *

O dr. Mario de Aguiar, apresenta a seguinte contestação:

«O bacharel João de Castro Osorio contesta a acusação que lhe é movida, pela forma seguinte:

Que a acusação resulta dum lamentavel equivoco determinado pelos boatos alarmantes que corriam na epoca que os autos se referem. A formula do movimento não tem nem póde ter perante a acusação a significação dum movimento revolucionario mas de movimento doutrinario. Nem houve aliciamento nem conjuras; o arguido procedeu sem intenção criminosa e sem culpa. O comportamento moral e civil do arguido é exemplar; nestes termos deve a acusação ser julgada improcedente e não provada e o arguido restituido á liberdade».

* * *

O juiz dr. Almeida Ribeiro, inquere o reu João Osorio de Castro.

—V. Ex.ª é acusado de, com os seus colegas, se concertar para um movimento de caracter revolucionario.

—Eu podia ter alijado de mim a responsabilidade do movimento, indicando as outras pessoas comprometidas. Não o fiz, porém, assumindo todas as responsabilidades. Eu apenas queria fazer uma revolução de ideias, sentimento e futuro. Os manifestos a que se refere o auto não chegaram a ser distribuidos.

—E' verdade que v. ex.ª estêve junto de alguns quarteis a aliciar oficiais?

—E' menos verdade que eu tenha dito a *qualquer* pessoa para vir para uma revolução ou que estava o movimento na rua.

—Não chegou a ser marcado um dia certo para rebentar a revolução?

—Não, senhor.

* * *

Depõe a primeira testemunha de acusação, capitão sr. Alberto Frazão, do quartel do 1.º grupo de companhias de Administração Militar.

A testemunha Antero Lameiro, *chauffeur* que transportou os reus na noite de 8 para 9 de julho, declara que, por indicação do reu foi ao Matadouro, ao Paço da Rainha, á Escola de Guerra, ao Campo de Ourique, a Belem e á Cova da Moura.

A testemunha, tenente-coronel sr. José Marques, comandante da grupo da A. M., declara que, sendo avisado pelo capitão sr. Frazão, de que se encontravam á porta do quartel uns oficiais que desejavam falar ao capitão sr. Santos Ferreira, os mandou entrar. Afirma que o sr. dr. Osorio andava fardado de oficial do exercito, com os destintives de tenente. Depois de os interrogar deu-lhes voz de prisão. Afirma que os reus não iam para atacar o quartel, mas certamente para falar ao capitão sr. Santos Pereira.

* * *

O julgamento prossegue. Não deve terminar senão talvez daqui a uma semana.

**PRODUCTOS DE BELEZA**
E DE TOILETTE
Especialidade da
**PERFUMARIA DA MODA**
Telefone C. 1715
5, RUA DO CARMO, 7 — LISBOA

## A TARDE PARLAMENTAR

# O EMPRESTIMO

## DAS 250.000 LIBRAS

### "SÓ FALTA HASTEAR A BANDEIRA INGLESA NO EDIFICIO DA CAMARA MUNICIPAL"

#### exclama o deputado monarquico sr. dr. Cancela de Abreu

A's 3,30, já feita a chamada que acusa a presença de 33 deputados, o sr. Velhinho Correia discute Confucio com o sr. Malheiro Reymão, Manuel Fragoso e Pinto da Fonseca, não se sabe bem a proposito de quê. Um dos secretarios vai lendo o expediente, ao que nos dizem do lado, porque ninguem se apercebe do caso.

Para começar, o sr. Carlos Pereira desata a berrar que quere navios de guerra nas nossas costas para defender os pescadores de Portugal. Percebe-se que está a dizer aquilo para dizer alguma coisa. O sr. Velhinho Correia mete-se em disputa pessoal com o orador, e daí a pouco estão os dois em conversa amena como a uma esquina da Baixa ou a uma mesa de café. O presidente agita a campainha, um tanto despeitado de não lhe ligarem nenhuma, porque, ainda por cima, a camara não dá mostras de se interessar pelo assunto versado.

Outro toque de campainha. E' para anunciar que o sr. Paulo Cancela quere tratar da questão do emprestimo camarario de 250.000 libras. Rejeitado. Contra-prova. Rejeitado tambem.

O sr. Carlos de Vasconcelos acha aquilo ofensivo da dignidade nacional. Protesta contra o procedimento da camara, que reputa inclassificavel, e quere que o governo intervenha.

Dito isto, tem dito tudo.

O sr. Estevam Aguas, a seguir. Esfrega as mãos, não se sabe se de frio se de contentamento; cumprimenta a presidencia, e dá em falar da pesca. São precisas repressões. E, pesca para aqui, e fiscalisação para acolá, fica-se na mesma, porque ninguem mostra interessar-se pelo caso.

O sr. Leote do Rego vai lá fora fumar e ha uma nova pausa para o paleio dos parlamentares. Parece que se está á espera do chefe do governo. Foram lá dentro preguntar se o sr. Antonio Maria da Silva está disponivel.

* * *

O sr. Sá Cardoso, postos os oculos para ouvir melhor, dá a palavra ao sr. Cancelo de Abreu. O sr. presidente do ministerio não pode comparecer. O orador fala da questão do emprestimo camarario; acha-o audacioso e paradoxal, chama-lhe fantastico, e tem frases rascantes.

Nos tempos ominosos havia um codigo administrativo. A Republica veiu, e escangalhou tudo, a seu ver. Daí, o poderem as camaras municipais fazer emprestimos sem auctorisação de mais ninguem.

Se ámanhã apetecer á Camara Municipal de Lisboa inundar a cidade com as aguas do Tejo ou com as lavas do Vesuvio, temos todos que acatar-lhe a disparatada resolução,

—Isto é espantoso, sr. presidente. Os jornais de hoje dizem...—E vai lendo o que dizem os jornais.

E chamando a atenção da Camara:

—Classificam o contracto de contracto de inglês. Se houver conflito, prevalecerá a lei inglesa. Só falta hastear no Municipio a bandeira inglesa (Apoiados do centro e da direita). Com que intuitos—pregunta—é que a Camara Municipal de Lisboa, que ha três anos tem em seu poder esta proposta, só agora vem arrogar-se o direito de a apresentar.

Aprova-se, em seguida, a acta.

Durante o discurso do deputado monarquico houve apoiados varios, que no fim se repetiram, sem consequencias de maior. O sr. Aires de Ornelas, terminadas as considerações do seu correligionario, levantou-se, meteu as mãos nos bolsos do sobretudo, e pôz-se a passear.

Quando se julgava que o caso ia ser tratado por toda a Camara, passou-se á eleição de dois vogais para a Junta do Credito Publico, Não diz com o assunto, mas é como se dissesse.

A sala volta a transformar-se em centro de cavaco, e dizem as más linguas que está suspensa a sessão.

* * *

Estava realmente suspensa. Tanto, que o sr. Baltazar Teixeira, depois de uns minutos de palestra, volta a fazer a chamada. O sr. secretario—dizem lá fora—arranjou uma cadeira mais alta para fingir que está de pé quando exerce as suas funções de chamador.

Emquanto se faz a contagem e se procede ao escrutinio, discute-se a questão do aquecimento. A camara é uma fabrica de constipações. Não ha dinheiro para remediar a deficiencia, mas a presidencia trabalha no quente, bem resguardada contra os azares do «chegadinho». Não é nada democratico.

Uma voz da esquerda a informar o jornalista:

—Vai abrir-se uma subscrição para reforçar a verba do aquecimento.

—Deus o ouça, que estamos todos como as crianças pobres do *Seculo*, á mingua de agasalho.

Os vogais eleitos para a Junta do Credito Publico são os srs. João Luís Damas e Antonio Rezende, democraticos. Já se sabia antes da contagem das listas, trabalho que foi fiscalisado por muitos deputados que para esse fim andaram num sarilho a subir e a descer as escadas da presidencia.

Na ordem do dia. O sr. Sá Cardoso tira os oculos para ver os oradores que se inscrevem. E um assunto pôsto pelo sr. Pires Monteiro.

—Os srs. que aprovam que ele seja reservado para quando estejam presentes os srs. ministros da Guerra e das Finanças, queiram pôr-se de pé, — diz a presidencia, os oculos para a testa para perceber melhor.

Como todos estão de pé, é aprovada a reserva.

A sessão, daqui em diante, decorre sem interesse. Pequenas cousas e votações rapidas.

Parece que a mesa está com medo de perder o comboio.

## NO SENADO

Preside o sr. Correia Barreto. Entre os srs. Machado Serpa e Herculano Galhardo trava-se um longo debate a respeito da interpretação a dar ao novo regimento.

O sr. Lima Alves requere que este assunto seja apreciado após a apresentação do novo governo. Aprovado.

O sr. Julio Ribeiro envia para a mesa dois projectos de lei.

* * *

A' hora a que escrevemos está fazendo a leitura do programa ministerial o sr. Antonio Maria da Silva.

Já estão inscritos para falar em nome do P. R. P. e do Bloco Republicano, respectivamente os srs. Artur Costa e Afonso de Lemos.

## O CONSELHO COLONIAL

### não está de acordo

#### com o alto comissario de Moçambique

O Conselho Colonial negou o «visto» á portaria do alto comissario em Moçambique, que mandou desligar do serviço o director geral das alfandegas daquela provincia, sr. Bulhão Pato.

## LICEU GIL VICENTE

O professor sr. dr. Baptista Caldeira pediu a exoneração de reitor do liceu de Gil Vicente.

NA PONTE DE CARENQUE

## O COMBATE

### ENTRE A POLICIA E OS AMIGOS DO "ASSANHADO"

#### As prisões efectuadas

No Governo Civil encontram-se presos como implicados no combate que ontem se travou com a policia, na Ponte de Carenque, Francisco da Silva, carroceiro, Eduardo Sergio Rodrigues, o *Sorte-sorte*, o *José da Varina* e Laurentino Ferreira.

Os três primeiros foram ontem capturados em Carenque, por um grupo de soldados da bateria de Queluz, acompanhado do agente Armelim, a quem nada sucedeu, ao contrario do que davam a entender as noticias de alguns jornais.

O Laurentino Pereira foi preso esta madrugada numa barraca da fabrica de guano da Serra de Monsanto, pelo alferes José Carlos, que, acompanhado por seis policias, deu uma batida pelas proximidades dos Terremotos. Parece nada ter com o caso.

* * *

Dos três ndividuos presos em Carenque parece estar provada a inocencia do *José da Varina* e do Francisco da Silva.

Quanto ao *Sorte-sorte*, a policia da 2.ª secção continua as suas investigações, por parecer provado que ele deu guarida ao *Assanhado*. E' convicção dos agentes Reis e Souca e Armelim e do guarda 573, que este fazia parte do grupo que os atacou a tiro. Apesar, porém, das batidas organizadas por soldados de Queluz e de Bemfica, e pela policia, ainda não foi preso.

A policia procura activamente um preto que foi o causador do conflito e que o agente Reis e Sousa conservou preso até disparar a ultima bala do seu carregador.

* * *

O boato da desaparição ou morte do agente Armelim, provem do facto dele ter ido a Queluz pedir auxilio aos militares, emquanto o seu colega Reis e Sousa e o guarda 573 se dirigiam a Bemfica com o mesmo fim.

* * *

Parece que do tiroteio que começou por volta das 10 horas da manhã resultaram alguns ferimentos, não se tendo, porém, apresentado ninguem a fazer curativo.

* * *

A's 18 horas saiu do edificio do governo civil uma força de policia, armada de carabina. Vai concentrar-se na esquadra de Bemfica seguindo de madrugada para Queluz.

## O 19 de Outubro

### Amanhã, provavelmente, não se realizará o anunciado julgamento

Parece que o julgamento dos oficiais implicados no movimento de 19 de outubro, que ámanhã se devia efectuar na sala do 2.º Tribunal Militar Territorial, terá que ser adiado visto a sala deste tribunal estar ocupada com o julgamento do dr. João de Castro Osorio, implicado no gorado movimento de 9 de julho.

## As rendas das casas

### onde funcionam escolas e o ministro da Instrucção

O sr. ministro da Instrução mandou expedir uma circular aos inspectores escolares, pedindo-lhes nota das rendas de casas onde funcionem escolas, que estejam em divida, a fim de serem pagas com a brevidade possivel. Nos 4 bairros de Lisboa apenas estão em divida as rendas do proximo mês de Janeiro.

**Aos fumadores de fabaco francês**

Pedimos para esperimentarem o nosso delicioso tabaco PORTUGUEZ em onças de 15 gramas. Nunca no nosso país houve melhor tabaco. A' venda em todas as tabacarias.

Unicos importadores para Portugal e Colonias
**MONTEIRO & LOPES, Ltd.**
Rua da Madalena, 66, 1.º
Rua do Arsenal, 92 Telef. C. 3708